

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

História da
Música 1



História da Música

com Alvaro Siviero

SINOPSE

Da mesopotâmia ao período do humanismo, nesta aula introdutória, somos conduzidos a uma viagem pela história da música. Descubra o que é a música, como surgiram as notas musicais e qual foi o papel desempenhado pelas culturas grega e romana e pela Igreja Católica no desenvolvimento do campo musical.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: o que é a música; qual papel a música desempenhava na cultura grega; o que é a partitura; o que são as obras de arte de espaço e de tempo; quais são as quatro transcendentais dos seres humanos; por que denominamos certa música de clássica; o que é a organização modal; os diferentes modos gregos; o desenvolvimento musical promovido pelos romanos; o papel da Igreja Católica no desenvolvimento da música; quem cria as notas musicais e quais são elas; o que acontece no período do humanismo.

INTRODUÇÃO

A proposta deste curso é que façamos uma viagem, no tempo e no espaço, pela história da música. Eu sou pianista e a música é uma paixão que eu trago dentro de mim, é a minha companheira de viagem. Como o bem é difusivo e temos que dividir as coisas boas com as pessoas, quero dividir o que é a música, qual é a sua importância e o que acontece com tantas pessoas que não entendem o que é a música de concerto, a música clássica, a música chamada de erudita. Essa música é muito acessível e o que quero, com essa nossa conversa, é trazer vocês pela mão para que vocês me acompanhem nessa viagem.

O QUE É A MÚSICA?

Uma pergunta que sempre me chamou atenção é: o que é a música? Muitas pessoas me fazem essa mesma pergunta. A música é uma linguagem, é uma forma de comunicação. A música é uma linguagem tão real quanto a que estou utilizando agora para me comunicar com vocês. Só que é uma linguagem que vai além. Victor Hugo¹, por exemplo, um grande dramaturgo, escritor, disse que a música expressa o que as palavras não conseguem e o que não pode deixar de ser dito. Aldous Huxley², um escritor inglês formidável que viveu grande parte da sua vida nos Estados Unidos, dizia que, depois do silêncio, o que mais consegue se aproximar e expressar o inexprimível é a música. Nietzsche³, um filósofo alemão, dizia que se no mundo não houvesse música, esse mundo seria um exílio. Com isso, começamos a perceber que a música tem um poder. A música, de fato, comunica.

Essas são considerações de pessoas que, pelo seu conhecimento, pela sua sabedoria, pela sua experiência, fazem com que pensemos. Beethoven, um compositor alemão cujos duzentos e cinquenta anos de nascimento celebraremos no ano que vem, falava algo muito sério. Ele dizia que muitos cultivam a música, mais do que muitos, milhares, mas que poucos, porém, receberam a revelação de como a conhecer. Poucos sabem como conviver com ela. Poucos sabem como absorver o conhecimento que essa linguagem nos traz. É por isso que, concordando com Beethoven, quero dizer que a música existe entre os homens desde seu surgimento.

As primeiras civilizações

Por ser uma linguagem, a música necessariamente existe entre os seres humanos. Tanto é assim que, fazendo um apanhado histórico, as primeiras grandes civilizações de que temos conhecimentos, que existiram há aproximadamente três mil anos antes de Cristo, no Antigo Egito, já tinham

¹ Romancista francês (1807 - 1885).

² (1894 - 1963).

³ Friedrich Nietzsche, filósofo alemão (1844 - 1900).

instrumentos variados dentro da sua sociedade, como o tambor, a harpa, a flauta. Isso pode ser verificado em referências iconográficas existentes hoje no Museu de Alexandria. Nós até sabemos que a música, o conhecimento musical, nesta região e nesse período do Antigo Egito, estava mais reservado aos sacerdotes.

Saindo um pouco do Antigo Egito, podemos migrar para a cultura mesopotâmica, na qual foram encontrados objetos raros em argila, gravuras de músicas.



Essas gravuras foram feitas em escrita cuneiforme. A escrita cuneiforme, junto com os hieróglifos egípcios, é a escrita mais antiga de que o homem tem conhecimento. A escrita cuneiforme existiu em 3.200 a.C., inventada pelos sumérios. Essas sociedades já registravam a existência de músicas nessas obras feitas em argila.

Heródoto⁴, um escritor grego, chegou a afirmar que, nessas escritas cuneiformes, os músicos eram muito bem tratados porque, em todos esses desenhos, sempre foram representados junto com alguma monarquia nas festividades religiosas, nas festividades sociais, dentro dos palácios.

A civilização grega

Passando de civilização em civilização, dentro dessa história da música que estamos fazendo juntos, caímos no berço da cultura universal, que é a cultura grega. Os gregos perceberam que a música possuía um enorme valor

⁴ Historiador e Escritor Grego (séc. V a.C.).

educativo e moralizante e a elevaram a um outro patamar. Através da música, as pessoas poderiam se tornar pessoas melhores, pessoas mais preparadas. Pitágoras⁵, que todos nós conhecemos da matemática, do famoso Teorema de Pitágoras, dizia que se no mundo não houvesse música, a alma adoeceria. A música era como a medicina para a alma. Platão⁶, em sua obra “O banquete”, faz referências contínuas à interferência da música na vida das pessoas. De acordo com Platão, dependendo da música que está ouvindo, pode afetar o estado anímico de uma pessoa. Uma pessoa pode ficar mais entristecida ou mais feliz dependendo da música que está ouvindo.

Antes de dar continuidade, quero compartilhar com vocês a experiência que tive enquanto fazia um concerto no Chile. Era o Segundo Concerto de Rachmaninoff⁷, bastante romântico, e as pessoas não me conheciam. Eu nunca tinha visto aquela plateia e, normalmente, depois de um concerto, as pessoas vêm conversar, cumprimentar, fazer considerações. Eu me lembro de um homem que, junto com a sua esposa, ambos muito bem apessoados e vestidos, dirigiu-se a mim e me fez essa pergunta: *Alvaro, o que eu tenho que fazer para mudar? Lo que tengo que hacer para cambiar?* Obviamente, eu não respondi nada. Eu não conhecia aquele homem, não sabia nem o seu nome e nunca mais o vi, mas isso mostra como aquela música transformou essa pessoa.

Por essa transformação, percebemos e entendemos melhor aquilo que outro filósofo grego, Aristóteles⁸, chegou a definir, que é o conceito da catarse grega. A catarse é aquele estado de deslumbramento, um estado tal de encantamento que a pessoa se sente transformada. Eu, como artista, quando me envolvo com a obra musical, no meu caso, como intérprete, posso sair um ser humano melhor. A plateia que está ouvindo uma obra que tenha profundidade, que tenha densidade, que tenha poder transformador, música de verdade, pode sair uma pessoa melhor. É por isso que a música é uma

⁵ Pitágoras de Samos, filósofo (séc. VI a.C.).

⁶ Filósofo (séc. V a.C.).

⁷ Piano Concerto N.º 2 Op. 18 em Dó Menor, Sergei Rachmaninoff.

⁸ (384 a.C. - 322 a.C.).

linguagem. Há palavras que ferem. Há palavras que entusiasmam. Há palavras que desanimam. A música, por ser linguagem, possui esse mesmo poder.

Por que a distância da música clássica?

Voltemos ao que Beethoven falava, de que milhares de pessoas cultivam a música, mas poucos, porém, são aqueles que conseguem ter acesso à revelação que traz. Eu me questiono: por que são poucas as pessoas que têm acesso à revelação que a música pode trazer? Acredito que isso pode acontecer por dois motivos. Isso é uma consideração pessoal minha.

O primeiro motivo, que escuto muitas pessoas falando, é de que não têm sensibilidade para esse tipo de música. 'Beethoven, Mozart, eu não tenho sensibilidade para isso. A minha sensibilidade foi desenvolvida em outras áreas musicais, mas nesta, dos clássicos, não'. Eu, pessoalmente, discordo desse ponto de vista, porque a sensibilidade sempre pode ser desenvolvida, sempre pode ser cultivada. É o mesmo que acontece, por exemplo, com o café e com o vinho. Normalmente, no primeiro contato com o café e com o vinho, as pessoas não mostram empatia. O café e o vinho, principalmente o primeiro gole de vinho, antipatizam um pouco. Depois, você ingere o segundo e terceiro goles e acaba se deliciando. Você também acaba conhecendo que existem vários tipos de vinho, o rosé, o seco, o doce, o tinto, o branco, tornando-se quase que um *sommelier*, porque você conhece. Esse conhecimento te desembrutece. Esse conhecimento te refina. Então, essa história de que 'eu não tenho sensibilidade, eu já tentei, eu não consigo' não é verdadeira.

O que pode acontecer, também, não é só um problema receptivo, de quem recebe, mas um problema de quem transmite. A música, quando é música, quando é verdadeira, sempre emociona, sempre. Eu me lembro de uma história do meu irmão, que não segue a carreira musical. Ele me disse que uma vez estava num casamento e que, em determinado momento, começaram a tocar a Ave Maria de Schubert⁹, a Ave Maria que todos vocês conhecem, aquela tradicional dos casamentos. Ele já a tinha ouvido milhares

⁹ Franz Schubert.

de outras vezes, mas comentou comigo que 'eu não sei o que aconteceu naquele momento, com aquela Ave Maria, porque um nó começou a subir na minha garganta, eu não consegui conter as lágrimas e comecei a chorar'. Ele não é uma pessoa muito emotiva, mas, naquele momento, aconteceu a música e, quando a música acontece, acontece a catarse à qual Aristóteles se referia. Essa transformação, esse encantamento, esse deslumbramento do ser humano.

Por isso que, agora, voltamos ao que Victor Hugo disse certa vez e que eu dividi com vocês no início da nossa conversa, que é a música expressa o que as palavras não conseguem e o que não pode deixar de ser dito. Eu acho interessante as pessoas quererem aprender o alemão, o mandarim, o inglês. Por que não aprender música? Por que não aprender a linguagem musical? Por cultura até, por conhecimento.

A realidade em outros países

Há alguns países musicalmente avançados, adiantados, em que existe um investimento real em música de qualidade. Eu me lembro de uma vez que estava em Berlim com pessoas que mal conhecia, pois tinha acabado de chegar na cidade. Essas pessoas iam cantar uma música por uma situação específica e uma delas, que havia organizado aquele momento, escreveu a música, as notas musicais, na pentagrama, e entregou para todos que estavam presentes na festa. Ninguém conhecia a música, mas todos leram a partitura e começaram a cantá-la. Assim como, quando você pega um livro e é alfabetizado em letras, você lê. Há muitas pessoas alfabetizadas em notas, porque é uma linguagem. Quando eu, por exemplo, devoto-me a ler, a estudar uma sonata de Mozart, estou lendo um livro. Um livro com muita história, onde a minha imaginação pode chegar a níveis insuspeitados. É muito interessante.

O papel do intérprete

É por isso que cada intérprete é um intérprete. Quando você está com um livro que é uma partitura, ali, tudo está encaminhado, mas há a

participação do intérprete em querer fazer com que aquilo ganhe vida. Por que uma partitura o que é? Uma partitura é um papel com um monte de bolinhas pretas. O que vai fazer com que aquilo vire vida é o papel do intérprete. É por isso que todos nós, intérpretes, temos consciência da enorme responsabilidade diante da música, da música verdadeira, da música que desembrutece, da música que enriquece, da música que interioriza, da música de verdade. Todos nós temos uma enorme responsabilidade. Por um lado, o compositor, que não está mais aqui, deixou tudo que fez no papel. Do outro lado da história, nós como intérpretes, estamos recriando a música. Veja, eu não estou dizendo reproduzindo, estou usando o verbo recriando, porque o artista cria, ele traz à existência algo que são letras mortas, a partitura.

As artes do espaço e as artes do tempo

Eu acho muito interessante verificar uma divisão que uma vez me explicaram sobre as obras de arte. As obras de arte são divididas em dois grandes blocos: as artes do espaço e as artes do tempo.

As obras de arte do espaço são aquelas que necessitam de um espaço físico, geográfico para acontecer. O teatro, a dança, a escultura são alguns exemplos. As obras de arte do espaço são aquelas que só existem no momento de sua fabricação. A música é classificada como uma arte do tempo. Ela só existe naquele momento em que está sendo fabricada e, por esse motivo, pela imaterialidade de uma sinfonia, pela imaterialidade de um concerto, a transcendência acaba sendo muito maior. A música, das manifestações de arte, é a mais transcendente, é a mais espiritualizada. Por isso, normalmente, é a que mais emociona. Além disso, a música também é a que mais facilmente cria referências.

AS QUATRO TRANSCENDENTAIS

Platão, Aristóteles, Sócrates e até mesmo os filósofos pré-socráticos, ao falarem do ser humano, diziam que este está apoiado em quatro

transcendentais: unidade, verdade, bondade e beleza, ou, como eles chamavam, *unum*, *verum*, *bonum* e *pulchrum*, respectivamente.

O *unum*

O *unum* é a unidade. Nada atrai mais numa pessoa do que esta ser feita de uma peça só, aquela pessoa que é a mesma em qualquer lugar onde está. Ela pode estar sozinha ou com muitas pessoas, ela é ela. Ao mesmo tempo, como decepciona quando encontramos uma pessoa que tem um comportamento em um lugar e outro, em outro. Isso repugna, isso afasta. É por isso que a unidade, o *unum*, é uma característica do ser humano. Não ter essa unidade não é um ato humano.

O *verum*

A verdade, o *verum*. Acho que as explicações sobram aqui. Uma pessoa que não é verdadeira com os outros ou consigo mesma, que não afirma, de modo consistente, sempre os mesmos fatos diante das mesmas realidades, não é digna de confiança. É por isso que a pessoa que mente, a pessoa que é dupla, que é um pouco esquisita, a pessoa mentirosa, como chamamos, é uma pessoa menos humana.

O *bonum*

A bondade, o *bonum*, é aquela característica das nossas avós, das nossas mães. Há pessoas que têm isso de uma maneira tão forte dentro de si que ganham todas as pessoas ao seu redor. Pessoas que não se preocupam se saem perdendo, pessoas que se preocupam mais com os outros do que com elas mesmas. Pessoas que, se podem ajudar, ajudam. Essas pessoas são mais humanas. Elas não fazem algo para passar recibo. Elas não alugam, elas dão. São pessoas que têm a bondade. E não é verdade que essas são as pessoas nos conquistam mais? Todas as vezes que procuramos, num erro de outra pessoa, numa situação de desacerto que o outro tenha cometido, mais do que recriminar e punir, abrir os braços e acolher, não é verdade que esse outro fica

extremamente comovido e o ganhamos muito mais do que se tivéssemos dado uma bronca, uma reprimenda? Como gostaríamos de sermos tratados quando erramos? Por isso, quando tratamos os outros dessa mesma forma, encantamos, cativamos, somos mais humanos.

A quarta característica é a que mais interessa dos transcendentais do ser humano, algo que a música, dentro da escola grega, tinha muito claro.

O *pulchrum*

A beleza, o *pulchrum*. Aqui, não estamos tratando da beleza no sentido de atração, no sentido instintivo da palavra. Estamos falando no sentido mais profundamente filosófico que essa palavra pode ter. O homem necessita da experiência do encantamento. O homem necessita assistir, com paz e com calma, ao pôr do sol. Um homem necessita, por exemplo, em Nova Iorque, olhar para aqueles prédios, aqueles *skyscrapers*, aqueles arranha-céus maravilhosos, enormes e dizer 'uau!'. Essa é a finalidade das obras de arte. Uma obra de arte, concretamente, a música, no momento em que está acontecendo, traz o homem para uma realidade insuspeitada. O homem acaba percebendo que, por detrás dessa vida em que nós vivemos, que é maravilhosa, existe muito mais, há uma realidade muito superior que justamente é a transcendência.

A necessidade dos transcendentais

A necessidade da experiência com o belo, a necessidade da experiência com a beleza, não é algo opcional, não é algo que faço se quero ou não. Assim como a experiência com a unidade, com a verdade e com a bondade não são opcionais, porque fazem parte do ser humano. O contato com essa obra artística, musical, é uma necessidade. Se até hoje você ainda não a descobriu, talvez, com essa nossa conversa, espero te conquistar e te mostrar a beleza que traz.

O QUE É MÚSICA CLÁSSICA?

Por isso, normalmente, essa música recebe o nome de música clássica. Música é uma linguagem, é um substantivo. Toda vez que adjetivamos, empobrecemos o conceito. A música popular, a música clássica, a música de entretenimento, isso sobra. Eu preferiria muito mais chamar de música. Existe música boa e música ruim, mas música. No entanto, dado que adjetiva-se, essa é a música conhecida como clássica. Por quê? Porque o clássico é o permanente. O sinônimo de clássico é permanência. Em um casamento, por exemplo, o clássico é o bolo e o vestido da noiva, a troca de alianças. Sempre, em qualquer casamento, isso vai existir. O que é um clássico no cinema? É aquele filme que passa os anos e perdura. Há muitos filmes que assistimos hoje e, amanhã, não lembramos sequer o nome e os atores. Por outro lado, existem filmes que nunca mais esquecemos, que comentamos e que geração e mais gerações assistem. Isso é um clássico. É por esse motivo que Beethoven é um clássico, que Mozart, Liszt e Bach são clássicos.

Por outro lado, existem cantores, músicos, entre trezentas aspas, que, hoje, comercialmente, até podem fazer algum tipo de sucesso, mas que de clássico e de permanência, não tem nada. Passados poucos anos, ninguém mais se lembra dessas pessoas. Basta a pessoa envelhecer um pouquinho, basta a pessoa deixar de explorar a sensualização, que de música não tem nada. A pessoa não está vendendo arte, a pessoa não está apelando para as potências superiores do homem, de encantamento, de catarse, mas está apelando para o instinto. A finalidade da obra de arte não é fazer apelo instintivo, é fazer apelo anímico, é puxar para cima, não acorrentar para baixo. Vocês vão ver que essas pessoas que hoje podem até fazer um sucesso aparente, em muito pouco tempo, vão desaparecer.

Outras pessoas chamam essa música com a qual vamos conversar de música erudita. É um nome interessante, porque vem do latim *ex-rude*. É uma música que tira a tua, a minha, rudeza. O lado bruto que, muitas vezes, alguns podem ter em maior quantidade. É uma música, portanto, que te refina, é uma música que te desembrutece, é uma música que te interioriza, ou seja, é uma música que te enriquece.

Independentemente se você chama essa música de clássica ou de erudita, é sobre essa música que vamos conversar.

Não vem ao caso continuarmos aprofundando a análise filosófica do que é o *pulchrum* e da importância da música e das obras de arte na vida de cada um, porque, senão, não seguiríamos com a nossa conversa.

Aos gregos, nós devemos um enorme agradecimento. Foram eles que trouxeram, para um patamar superior, o entendimento do que é a música, por que ela refina, por que educa e por que moraliza. Eles fizeram inclusive análises sobre como a música interfere nas potências superiores da alma humana, a inteligência e a vontade. Como a música atua? A inteligência conhece e a vontade quer. A contribuição, para o pensamento, sobre os conceitos musicais, filosóficos, por parte dos gregos, é inestimável.

Aconselho intensamente que cada um aprofunde e conheça, cada vez mais, as relações das potências superiores do homem, a inteligência, a vontade, o transcendental *pulchrum*, o belo, e como tudo isso se relaciona dentro do ser humano.

Veja, a música é viva porque vai ao encontro do que é o ser humano. Não estamos conversando de algum conceito artificializado, postiço, forçado. Estamos falando de uma realidade da vida, que é a realidade do ser humano, o transcendental *pulchrum* incidindo sobre as potências superiores do ser humano, a inteligência e a vontade.

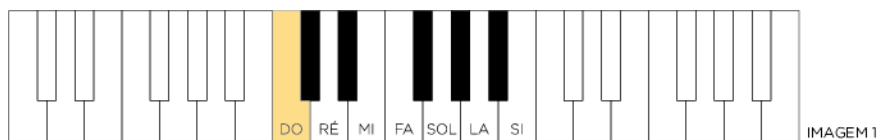
Mas os gregos não pararam aí. Eles resolveram organizar a casa de alguma forma. Tem aquele ditado: guarda a ordem e a ordem te guardará. Eles decidiram organizar toda experiência que havia sido acumulada desde os egípcios, os mesopotâmicos. Sabemos que um se apoia nos outros. A própria cultura grega, obviamente, apoiou-se nos conhecimentos musicais etruscos, mesopotâmicos, egípcios, para formar a sua cultura. No entanto, os gregos decidiram organizar tudo isso, uma organização sonora.

A MÚSICA MODAL

A música modal, desenvolvida pelos gregos, era nada mais, nada menos do que uma organização sonora em cima dos setes sons que eles conheciam e com os quais trabalhavam. Esses sete sons Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si. A música modal não está preocupada com cada nota em si, com cada som em si. Essas notas nem nome possuíam. Os nomes dessas notas - Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si - só vieram a acontecer muito tempo depois, como iremos analisar quando chegarmos em Guido d'Arezzo.

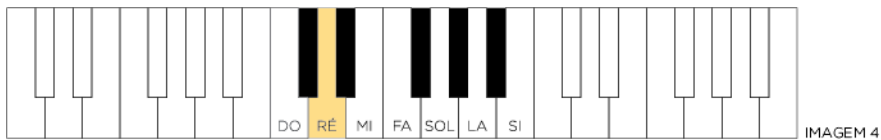
O intervalo sonoro

Os gregos queriam entender o intervalo sonoro entre um som e outro, uma análise bastante matemática. Então, por exemplo, para que vocês conheçam, definiu-se, em música, que dessa nota branca (Dó, imagem 1) à nota subsequente, preta (imagem 2), possui meio tom (imagem 3)

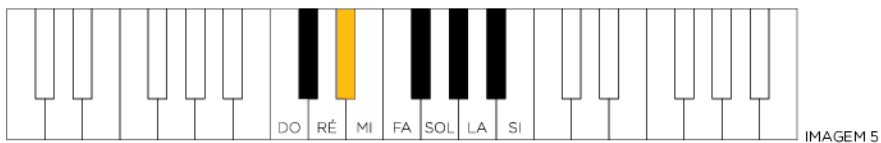
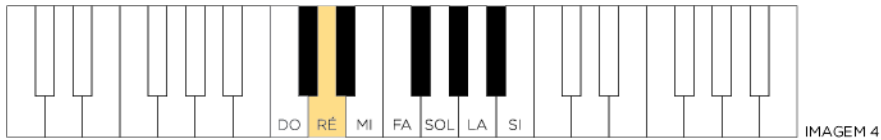


Dessa mesma nota preta (imagem 2) à subsequente branca (imagem 4), definiu-se, em música, que possuem meio tom.

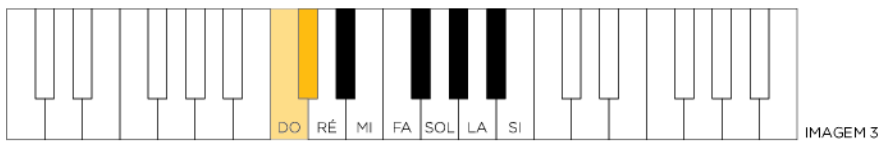




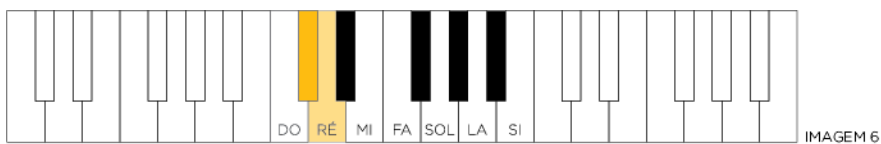
E assim por diante. Entre essa nota branca (imagem 4) e a subsequente preta (imagem 5), meio tom.



Ou seja, sempre de uma nota para a subsequente, seja preta ou branca, a definição é que o intervalo é de meio tom. Veja:

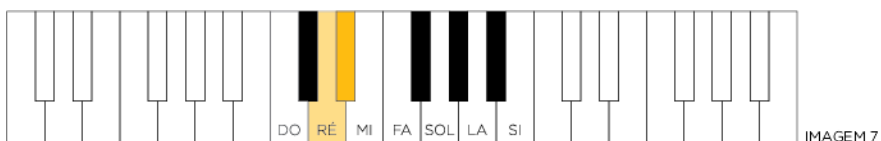


Do Dó para a subsequente preta (imagem 3), temos meio tom.



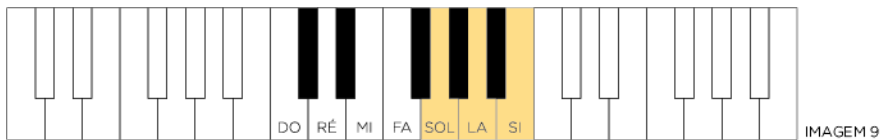
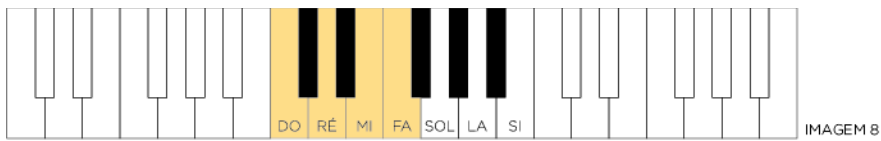
Da nota preta para a subsequente branca, que é o Ré (imagem 6), temos meio tom.

Do Ré para a subsequente nota preta (imagem 7), temos meio tom.



Isso se repete até o final. Meio tom. De meio em meio tom. É assim que funcionam os sons nesse instrumento, no piano.

A música grega, modal, trabalhava somente com as teclas brancas (Do, Ré, Mi, Fa, Sol, La, Si - imagens 8 e 9).



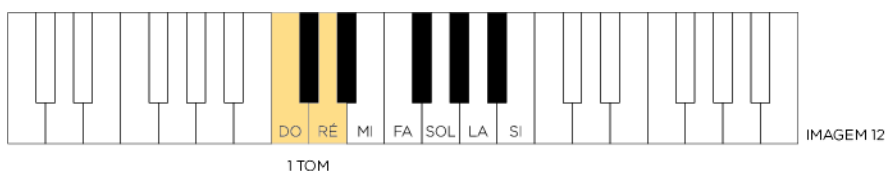
Essas sete notas. Agora, eu pergunto para vocês: qual é o intervalo entre o primeiro som (Dó), com o qual os gregos trabalhavam, e o segundo (Ré)? $\frac{1}{2}$ mais $\frac{1}{2}$ equivale a um tom. E do Ré para o Mi? $\frac{1}{2}$ mais $\frac{1}{2}$, um tom. E do Mi para o Fá? Percebam que não há nenhuma tecla preta aqui, então, do Mi para o Fa, é $\frac{1}{2}$ tom (imagem 10).

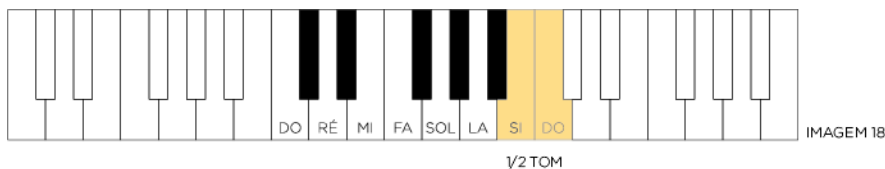
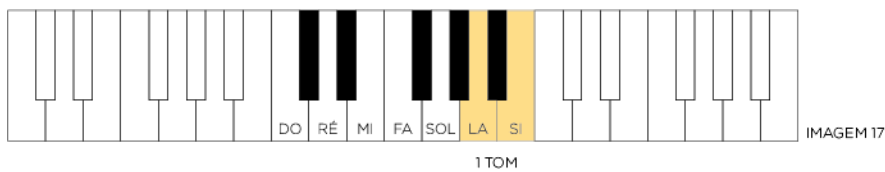
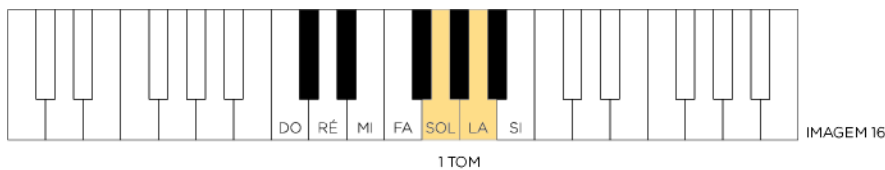
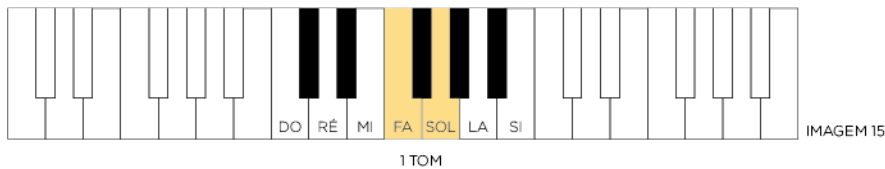
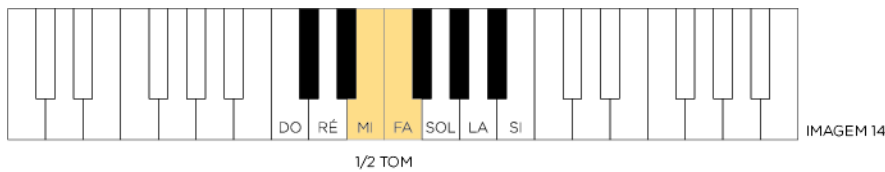


Isso também acontece do Si para a última nota (imagem 11), portanto, também há $\frac{1}{2}$ tom.



Então, veja os intervalos:





Era essa análise de um tom e $\frac{1}{2}$ tom com a qual os gregos trabalhavam. Eles sabiam que o terceiro intervalo e o sétimo eram de $\frac{1}{2}$ tom, enquanto os demais eram de um tom.

Os modos gregos

Essa combinação onde o primeiro intervalo era de um tom, o segundo de um tom, o terceiro de $\frac{1}{2}$ tom e, assim por diante, recebiam nomes.

Se começasse não na nota que hoje chamamos de Dó, mas sim na que hoje chamamos de Ré e fosse até o final, do Ré para o Mi, o primeiro intervalo seria de um tom. O segundo intervalo, de Mi para o Fá, já seria de $\frac{1}{2}$ tom.

Percebam que se começo na nota Dó, o intervalo de $\frac{1}{2}$ tom só vai acontecer da terceira para a quarta nota. No entanto, se começo na nota Ré, o intervalo de $\frac{1}{2}$ tom acontece da segunda para a terceira nota.

Tudo depende da onde eu começo. Foi isso que os gregos fizeram. Como há sete sons, criou-se sete formas diferentes de começar. É possível começar no primeiro som, no segundo som e assim por diante. O que interessa é o intervalo de um tom e $\frac{1}{2}$ tom e onde esse intervalo está. É por isso que são sete os modos gregos. Existe o modo dórico, o jônico, o frígio, o lídio, o mixolídio, o eólico e o lócrio.

Por que tantos? Porque a valorização musical na Grécia, como nós conversávamos, era imensa. Na região da Jônia, na região da Dória, pessoas independentes, sem nenhum tipo de controle, começaram a tentar entender essa organização sonora e, em função de qual nota escolhessem para ser o início dessa análise, de qual é o intervalo do som para o som subsequente, $\frac{1}{2}$ ou um tom, houve toda uma divisão sonora que chamamos de música modal. Foi assim que a música funcionou por muitíssimos anos, até o final do Renascimento.

A música era a música modal. Inicialmente, era instrumental, como nós víamos. Quando advém o cristianismo e as salmodias, o canto-chão e os cantos monódicos começam a ser exploradores de uma maneira maravilhosa levando até, como nós chegamos, a Claudio Monteverdi e Giovanni Pierluigi da Palestrina, aqueles motetos, a prioridade é a voz humana. No final do Renascimento, a música será modal e vocal. Nesse momento de que falávamos, na Grécia, a música é modal instrumental.

IMPÉRIO ROMANO E O CRISTIANISMO

A música no Império Romano

Vamos deixar o Império, a cultura grega, helenística, para trás e seguir para a cultura romana. Obviamente, os romanos não eram bobos. Eram bélicos, mas não bobos e se utilizaram de todo conhecimento construído pela

cultura grega, para sua própria cultura. A força do Império Romano¹⁰ veio, em grande parte, das conquistas realizadas, indubitavelmente. É impressionante como o mapa mundi ficou sobre o domínio romano. Eles chegaram a todas as partes.



Mapa do Império Romano

E eles se apoiaram na cultura helenística, na cultura grega. A grande sacada dos romanos foi o fato de terem começado a potencializar mais a construção de anfiteatros, como, por exemplo, a Arena di Verona ou o próprio Coliseu, em Roma, que é uma grande arena.

¹⁰ 27 a.C. - 395 d.C..

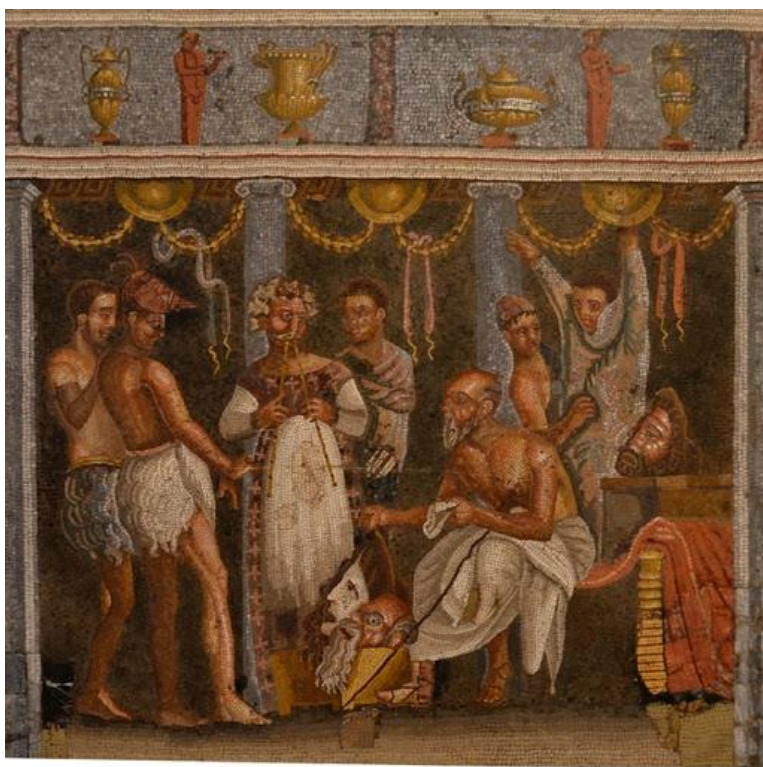


Arena di Verona



Coliseu

Os romanos utilizavam essas arenas para peças de teatro, as quais valorizavam muito. Nessas atuações cênicas, a música possuía um papel fundamental. O teatro sempre se apoiava na música.



Casa do Poeta Trágico, Pompeia¹¹

No entanto, a música apresentava um papel menos importante do que o existente na cultura grega, pois o romano priorizava mais a parte bélica, as conquistas e menos a parte cultural. Essa desvalorização do que é a cultura, que, no fundo, é a desvalorização do que é o ser humano, tenha sido, talvez, juntamente com as invasões germânicas, a principal causa da ruína do Império.

O cristianismo

No ano 0, sabemos que estamos falando de antes e depois de Cristo. A aparição da pessoa de Jesus Cristo na história da humanidade, transformou-se num divisor de águas. O cristianismo começou a propor valores que eram bastante contrários aos vividos no Império Romano. Naquela época, havia as orgias, os vomitórios. É horrível falar disso, mas, em Roma, visitei um vomitório. Para que vocês saibam o que é isso: na Roma Antiga, dentro das orgias, as pessoas comiam, comiam, comiam e, depois, botavam o dedo na garganta para poder colocar tudo para fora e poder voltar a comer. O

¹¹ Mosaico romano retratando atores e um tocador de aulo.

hedonismo, a busca desenfreada, descontrolada, horrorizante, do prazer pelo prazer, foi uma das causas desse declínio moral que propiciou o declínio do Império como um todo.



Los romanos de la decadencia, Thomas Couture.

Nesse exato momento, com o crescimento das comunidades cristãs, que se expandiam, vemos que a força do cristianismo veio justamente para contrarrestar, talvez, o desgaste que o hedonismo, o paganismo, que o vazio existencial das pessoas que moravam naquela sociedade, causavam.



O batismo de Constantino, Gianfrancesco Penni.

A padroeira da música

Em Roma, fiz questão de visitar a casa de Cecília, que está localizada no Trastevere. Uma basílica enorme foi construída sobre a casa onde morava essa nobre romana, chamada Cecília, que hoje é a padroeira da música. Santa Cecília.



Igreja de Santa Cecília, Trastevere, Itália.

Dado que o nosso tema é a música e ela é a padroeira desta, conto brevemente sua história. Cecília era uma nobre romana que, num determinado momento, percebeu que queria dedicar sua vida para a proposta cristã. Cecília decidiu que não queria se casar e que queria propor, para as pessoas, a vivência do cristianismo. Ela compartilhou com o noivo dela essa pretensão. Os pais queriam que ela casasse sim ou sim com essa pessoa, com esse pretendente. Ela não estava interessada e contou isso para ele, bem como sua proposta de vivência cristã. Esse pretendente era pagão, adorador dos Deuses. Aquilo chamou de tal forma a atenção dele, que se converteu naquele momento. Quando chegou em casa e contou para o irmão dele, o futuro cunhado, tudo que tinha acontecido e que Cecília havia contado para ele, o cunhado também se converteu. Isso, claro, chegou aos ouvidos do prefeito de Roma, que mandou botar os dois e Cecília numa câmara fervente. No entanto, Cecília saiu viva. Para matá-la, deram três golpes de chamado em seu pescoço. Durante três dias, ela permaneceu viva nessa situação. Essa é a padroeira da música, Santa Cecília.



Santa Cecilia, padroeira dos músicos.

Cecilia, uma nobre romana, riquíssima, pediu para que todo seu dinheiro, toda sua fortuna, fosse entregue aos pobres, à proposta cristã. Essa nobre romana respirava os mesmos ideais que muitas pessoas respiravam naquele momento, a fim de contra-arrestar esse vazio moral, ético que existia no Império Romano e que fez com que este, no ano 476, entra-se em total declínio.

A música que começou a ganhar força era aquela surgida nas comunidades cristãs. É interessante perceber como o poder temporal, o poder governamental, o Estado, no caso, a expansão de Roma, propiciou que o cristianismo se espalhasse por todas as conquistas do Império Romano. Aos lermos os relatos em relação à Jerusalém, àquela região do Oriente que pertencia ao domínio romano, constata-se que havia governadores romanos como Pôncio Pilatos e cobradores de impostos que pegavam taxas dos judeus e daqueles povos e as levavam para o coração do Império que estava em Roma. Toda essa unificação política, graças às conquistas romanas, foi o estopim, a pólvora para que os cristãos disseminassem sua música, as salmodias, que eram melodias monódicas. Nessa época, ainda não havia as notas musicais, havia os sons, os quais começaram a ser estruturados nesse período. Essas salmodias, esses cantos monódicos, apoiavam-se simplesmente nos cantos

modais absorvidos da cultura grega e na voz humana. Essas eram as salmódias que tiveram, como representação principal, o cantochão.

Cantochão e a música no cristianismo

O Império Romano estava em gritante declínio, um declínio moral, como nós falávamos, e a proposta cristã era a força daquele momento. A música das comunidades cristãs eram as salmódias, que são melodias monódicas, apoiadas nos modos, na música modal grega, com muito pouca variação. Uma das representações das salmódias é o cantochão que, como o próprio nome diz, apresenta praticamente nenhuma variação sonora. Por exemplo, esse canto que vou fazer agora ao piano é a melodia de uma tradicional canção cristã baseada no cantochão¹² (toca o piano¹³). Vejam a simplicidade da linha melódica e a pouca flutuação sonora. Isso é o que nós chamamos de cantochão.

A proposta da música do cantochão, da música monódica baseada na música modal grega, essa música que os cristãos utilizavam, foi se desenvolvendo, ganhando corpo e se espalhando rapidamente por todas as comunidades cristãs. Até que, no ano de 600, com a vinda de um novo romano pontífice, o Papa Gregório I¹⁴, chamado Gregório, o Magno, toda a análise musical desse tipo de obra foi reinventada, aprofundada, espalhada e adotada como sendo a linha melódica a ser utilizada pela liturgia católica romana ocidental. O tal canto gregoriano¹⁵.

Nesse exato momento, viu-se a necessidade de possuir algum tipo de escrita musical um pouco mais clara, um pouco mais organizada. Do mesmo modo como a humanidade, na Idade Antiga, no ano quatro mil antes de Cristo, foi marcada pelo advento da escrita, quando o homem aprendeu a se comunicar escrevendo, musicalmente, houve a necessidade de ter alguma forma de poder materializar, num papel, esses sons dessa melodia célebre,

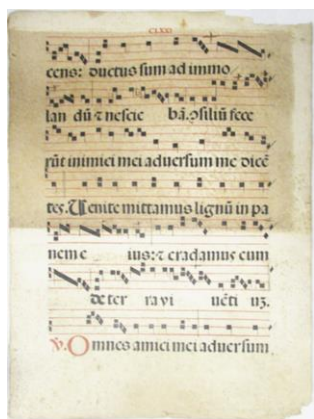
¹² A canção chama-se *ubi caritas*.

¹³ Tempo para escutar: 41:57 - 42:47.

¹⁴ Pontífice entre 590 e 604.

¹⁵ Em homenagem ao Papa Gregório I.

gregoriana, que toquei para vocês. Foi aí que surgiu a figura dos neumas¹⁶ que seriam o aperitivo do que seria, mais para frente, a nota musical. Com o desenvolvimento dos neumas, surgiram a figura das pentagramas, que são essas cinco linhas. No entanto, vale ressaltar, as notas musicais ainda não existiam, o que existiam eram os neumas, próprios para música do cantochão, do canto gregoriano.



As pentagramas e os neumas.

A ORIGEM DAS NOTAS MUSICAIS

Esse foi um período de florescimento musical apoiado pelo crescimento do cristianismo e a expansão das comunidades cristãs. A diferença entre o cantochão e o canto gregoriano é simplesmente o investimento, a preocupação e o interesse que foi dado para esse tipo de melodia, que começou a ganhar corpo e consistência em todas as comunidades e a se espalhar. É interessante perceber que as pessoas exploravam a voz humana muito mais do que, como acontecia no passado, os instrumentos musicais. Os tambores, as harpas começaram a ganhar uma importância secundária. A instrumentação tornou-se secundária em comparação à voz humana.

Guido d'Arezzo e as notas musicais

Foi precisamente neste período, perto do ano 1000 d.C., que surgiu, numa cidade muito pequenina na Itália, chamada Arezzo, um outro monge

¹⁶ Elementos básicos do sistema de notação musical.

católico. O nome deste monge era Guido¹⁷ e ele ficou conhecido como Guido d'Arezzo, por ser da cidade de Arezzo. Guido d'Arezzo resolveu dar nome para cada um desses sete sons. Foi aí, pela primeira vez, com Guido d'Arezzo, que esses sons receberam nomes, os quais hoje nós conhecemos das notas musicais.

Insisto nisso. Quando, na Grécia Antiga, os modos, a música modal foi organizada nos intervalos sonoros entre uma nota e outra, como analisamos, esses sons não tinham nome, eram simplesmente sons que os gregos tentavam organizar. Os modos gregos, a música modal são simplesmente uma organização entre os intervalos sonoros, uma organização musical.

Neste momento da Idade Média, a consistência estava ganhando uma outra característica. Enquanto o vocal ganhava espaço, o instrumental perdia-o e Guido d'Arezzo resolver nomear esses sete sons, as notas musicais, apoiado no Hino de São João¹⁸.



Não sei se vocês sabiam, mas a nota Si, a última, significa *Sancte Ioannes*. Guido d'Arezzo utilizou o Hino de São João, um poema com sete linhas que, para ele, refletiam as sete notas musicais. Guido d'Arezzo foi um monstro, no bom sentido da palavra, no investimento da cultura musical.

Abaixo, em latim, temos o Hino de São João:

Ut queant laxis

Resonare fibris

Mira gestorum

Famuli tuorum

Solve polluti

Labii reatum

Sancte Ioannes

¹⁷ 992 - 1050.

¹⁸ Hino de São João Batista, composto no séc. VIII pelo monge beneditino Paula Diácono.

Originalmente, as primeiras sílabas (*Ut, Re, Mi, Fa, Sol, La, Si*) eram os nomes das notas musicais. Como vocês podem observar, o nome *Dó* não existia, pois o som ao qual se refere era a nota *Ut*. Somente posteriormente, porque falar *Ut* era cansativo demais, a nota foi renomeada *Dó*.

Guido d'Arezzo teve uma importância fundamental neste período. A Igreja Católica, na sua expansão cultural, começou a fazer um trabalho maravilhoso para a humanidade. No campo arquitetônico, por exemplo, nos séculos XIV e XV, a arquitetura gótica, que nós conhecemos, das abóbadas e arcadas, foi toda feita e criada pela própria Igreja, na proposta de construção das suas catedrais.



Catedral de Notre-Dame, Paris, França. Arquitetura gótica.

O cristianismo, de fato, foi um ponto de inflexão. A História é bastante interessante quando resolve separar dois momentos, antes e depois, tendo como marco o cristianismo, porque foi um fator verdadeiramente transformador.

Mais para frente, quando entramos no humanismo, um período de florescimento do conhecimento, surge Palestrina¹⁹, um compositor que nasceu em Palestrina, uma outra cidade da Itália, e que ficou conhecido por este nome. Palestrina é a maior representação da música ocidental já existente. É importante mencionar que esse desenvolvimento ia acontecendo de modo descontrolado, o que eu acho maravilhoso, porque controle não existe.

Logo depois de Palestrina, surge Monteverdi²⁰, outro grande compositor italiano. Por a sede da Igreja Romana estar em Roma, que era, antigamente, a capital do Império, vemos o investimento que a Igreja Católica fazia na cultura.

O Renascimento

Nesse período do Renascimento, começa a surgir uma série de gênios. Na pintura, Raffaello Sanzio, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Botticelli. São gênios, são pessoas que vão pululando e o descontrole, maravilhoso, que passa a acontecer, é que a cultura começa a ser enriquecida e a estar presente na vida das pessoas. É aí que surgem os mecenas e as cidades que começam a ter, como proposta principal da sua existência, as obras de arte.

O período do humanismo foi maravilhoso, brilhante na história da humanidade. É como se o homem mostrasse para a humanidade como é fantástico, espetacular. É uma tomada de conhecimento do que é o homem, que, a meu ver, está fazendo bastante falta para o mundo atual.

O homem é definido como um animal racional. Dentro dessa racionalidade, existe a parte anímica do homem. Eu não consigo ver um cachorrinho, por mais fofinho, peludinho e com lacinhos que seja, fazendo uma tese de doutoramento. Um cachorro, um gato não têm como me explicar como funciona a radiação do corpo não, não têm como fazer descobertas e irem à Lua. O homem tem essa capacidade, essa potencialidade, que vem,

¹⁹ Giovanni Pierluigi da Palestrina, compositor italiano.

²⁰ Claudio Monteverdi, compositor italiano.

precisamente, pelo fato dele ser homem. O humanismo mostrou para a humanidade inteira que o homem é maravilhoso. Os gênios e os artistas que surgiram nesse período são... Bom, quem vai à Europa hoje e passeia por Roma, vê que esta é um museu a céu aberto. É de você ficar sem fôlego, de ficar sem saber o que dizer. Em Roma, temos a experiência do encantamento, temos a experiência da catarse grega proposta por Aristóteles, essa proposta que te enobrece. Você adentra uma pequena porta e vê uma catedral maravilhosa lá dentro.

Quando o homem começa a perceber o valor que tem, inevitavelmente, dado o homem ser homem, dado a natureza humana, surgem movimentos menos interessantes dentro do próprio homem, de inveja, de autoafirmação, de insegurança, de imaturidade, que o levam a querer se sobrepor a outras pessoas. Também surgem movimentos de querer ser um pouco o umbigo da humanidade. A cultura que existia até então, teocentrada, de admiração pelo belo, pela transcendência, por Deus, proposta durante todo esse tempo, começa a perder força porque o homem começa a pensar 'olha o que sou capaz de fazer, o que o que eu sou'.

Isso me faz lembrar de um episódio que me contaram. Eu não sei se isso é realidade, mas me contaram que uma pessoa chegou no aeroporto prestes a perder o voo, que já estava fechado. A atendente lhe disse: 'Senhor, infelizmente, não há como o senhor embarcar, pois o voo já está fechado'. Esse é o momento da canetada. A pessoa, que estava atrasada, encara-a e responde: 'você sabe quem eu sou?' em um tom mais elevado, ameaçando a coitada da atendente. A atendente, muito tranquilamente, pegou o microfone e falou, com transmissão para todas as caixas de som do aeroporto, 'aos que conhecem uma pessoa com tais e tais características, favor comparecer ao balcão de número oito, porque ele não sabe quem ele é'. Às vezes, dá vontade de fazer um pouco de graça com as pessoas que começam a transferir, pelo que tem e são, o centro de gravidade de tudo e de todos para si próprias.

Foi exatamente isso que aconteceu neste momento. A postura antropocêntrica²¹, o humanismo, mudou um pouco o foco para o próprio homem.

Uma das pessoas do campo da filosofia que viveu nesse período foi Descartes²², autor da famosa frase tão badalada, tão comentada: “Penso, logo existo”. Nessa frase, é como se a minha existência, a consciência do que eu sou, devesse-se ao fato de que eu sou um ser pensante, eu concluo.

Fazendo um breve parênteses. Até então, nesse período, as pessoas trabalhavam com figuras. A geometria era uma reta, o que chamamos, em filosofia, de ente de razão. Agora, quero que você feche os olhos e pense na figura de uma reta, pense numa linha reta. A imagem vem, não é verdade? Esse ente de razão aparece, não é? Descartes disse que isso é “ $ax + by + c = 0$ ”. Genial! A geometria analítica. Ele transformou, em fórmula, em analítico, o que temos como uma figura espacial. Feche os olhos novamente e pense, agora, numa circunferência. Descartes disse que isso é “ $x^2/a + y^2/b = c$ ”, onde “ c ” é uma constante. Por acaso, esse “ c ” é o raio dessa figura, dessa circunferência, que você fechou os olhos e viu. Isso é coisa de loucos, isso é genial! Eu até compreendo uma pessoa que faz, por exemplo, o que Descartes fez e começa a se achar o bonitão, o preparadão, o superior. Não deveria, porque basta pegar uma gripe e ele já está de cama, mas acontece com o ser humano.

Falando um pouco do piano, que é a minha área, existiu um pianista muito famoso, um compositor teuto-húngaro, Franz Liszt. Na música, nós o chamamos de o príncipe do piano. Franz Liszt era uma pessoa super bem apessoada, carismática, com uma técnica pianística invejável.

²¹ Antropocentrismo: ser humano em uma posição de centralidade em relação a todo o universo.

²² René Descartes, filósofo francês.



Franz Liszt.

A tradição e os relatos, que são confiáveis, fidedignos, contam que, nos concertos, Liszt chegava com luvas brancas e as jogava no palco, porque as mulheres o achavam tão maravilhoso, bonito e sedutor, que se pegavam aos tapas, às mordidas e aos gritos. Liszt era conhecido, literalmente, como Don Juan. Bom, o que essa pessoa, com todas essas qualidades e características, fez?

Apenas para vocês entenderem, na época dele, século XIX, os concertos demoravam muito tempo, alguns chegavam a durar quatro horas, e não eram de um único artista. Muitas pessoas dividiam o palco: cantores líricos, violoncelistas, pianistas, quartetos, havia de tudo. Um belo dia, Liszt chegou no local onde se apresentaria e informou: 'o espetáculo sou eu'. Além disso, a posição do piano como vocês hoje a conhecem, essa posição lateral, na qual o intérprete está tocando e a plateia observa o perfil dele, não era assim. Antes, os pianistas ficavam de costas para a plateia. Foi Liszt quem colocou o piano propositalmente nessa posição lateral para que as pessoas ficassem olhando o perfil dele.



Liszt am Flügel, Josef Danhauser.

É compreensível que uma pessoa faça isso? Até é. É desculpável que uma pessoa faça isso? Sim, mas não precisava né?

Foi exatamente isso que aconteceu no movimento do humanismo. O ser humano começou a olhar para si, dada as capacidades que via possuir.

Já faz um bocado de tempo, eu tive a possibilidade de participar de um encontro mundial de artistas que aconteceu em Roma, dentro da Capela Sistina, com o Juízo Final de Michelangelo na frente de todos nós, artistas. Grande parte dos Museus do Vaticano foi fechado para essas poucas pessoas que estavam lá e eu tive a honra de ser o brasileiro que estava representando nosso país nesse encontro.



Capela Sistina, Vaticano.



Capela Sistina, Vaticano. Juízo Final, Michelangelo.

Havia muitas pessoas conhecidas nesse encontro. Por exemplo, para quem assistiu ao filme “Amadeus²³”, do Milos Forman (1984), o Salieri, aquele ator que ganhou o Oscar, estava lá. Andrea Bocelli, Santiago Calatrava, Ennio Morricone, enfim, toda fauna estava lá. Eu estava almoçando ali nos museus do Vaticano, olhando aquelas estátuas de mármore na minha frente, quando uma pianista canadense, muito preparada, que acabou de gravar integral de Bach, me chamou e disse: ‘Alvaro, olha que interessante. Quando nós tocamos, nós não reproduzimos, nós recriamos. Nós participamos de um poder de criação. O artista participa do poder de criar’. Essa artista estava fazendo referência a uma carta escrita pelo romano pontífice João Paulo II²⁴, que estudou teatro, que era artista. Ele escreveu que são poucas as pessoas que podem experimentar aquilo que o criador experimentou no momento da criação, aquela coisa do ‘Uau! Isso saiu de mim!’. Essas poucas pessoas são os artistas.

Eu fico pensando em uma “Pietà”, em uma “Última Ceia”, no “Juízo Final”, num “Moisés”, num “Davi”, que está na Galleria dell'Accademia em Firenze.

²³ Dentro de um manicômio, Amadeus lembra os fatos de três décadas antes, quando o jovem Mozart ganhou a confiança da corte do imperador austríaco Joseph II. Uma lenda urbana se forma sobre a morte de Amadeus Mozart.

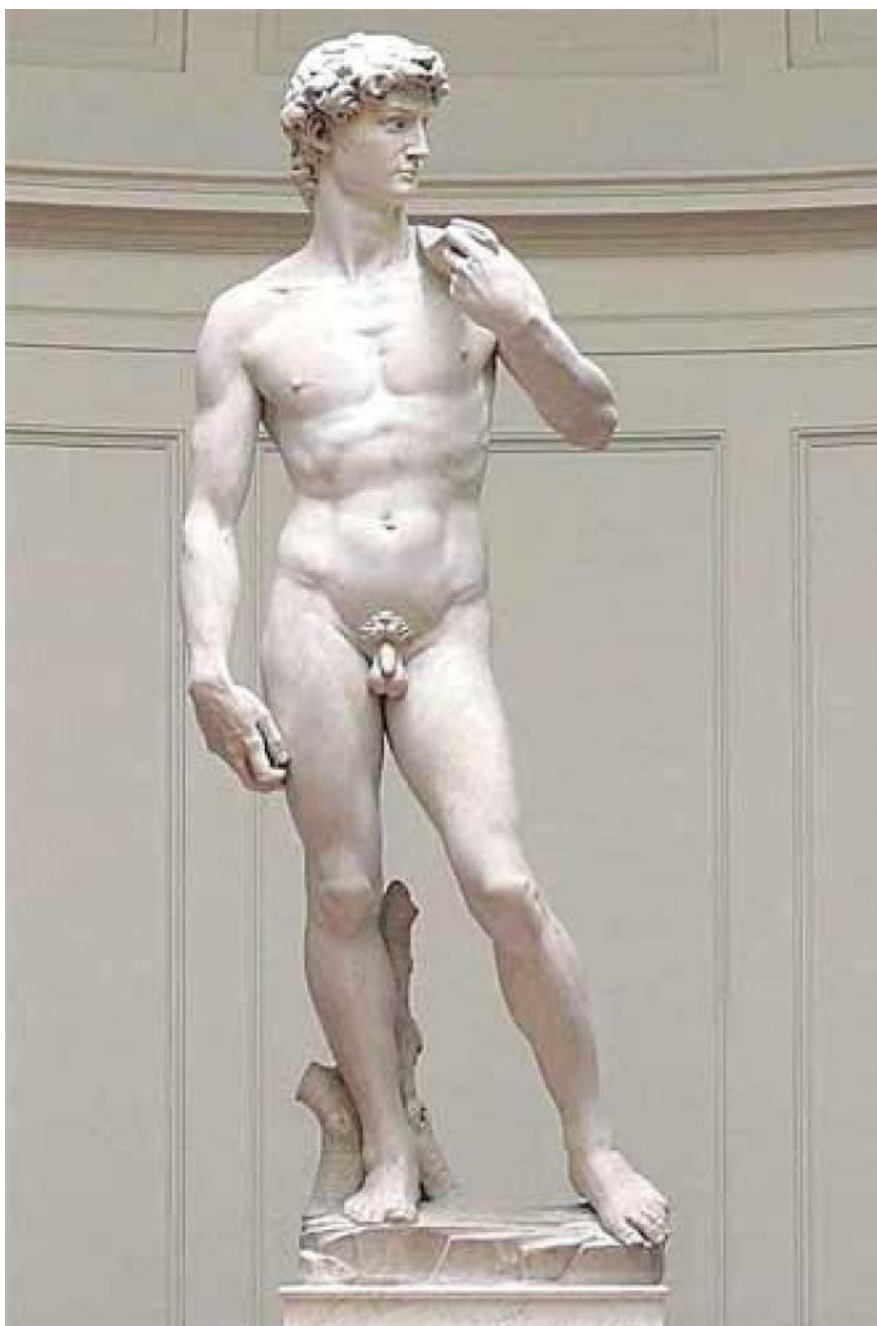
²⁴ Pontífice entre 1978 - 2005.



Pietá, Michelangelo Buonarroti.

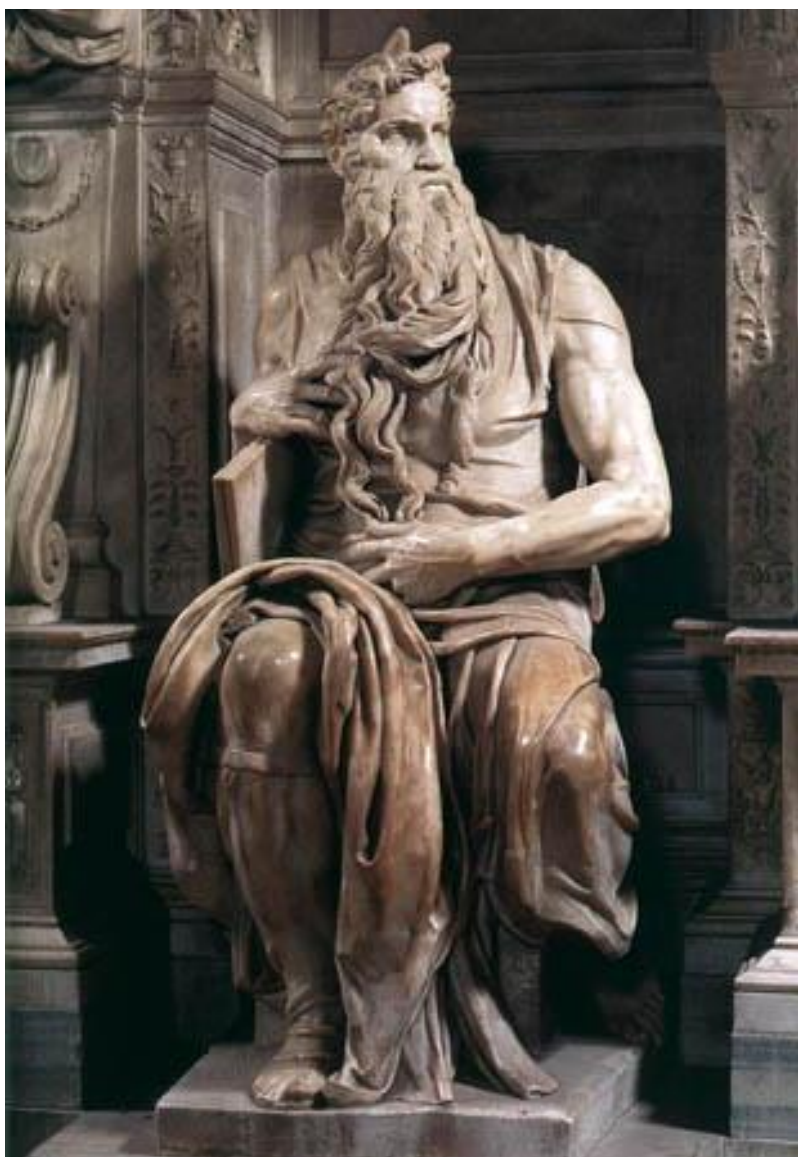


A Última Ceia, Leonardo da Vinci.



Davi, Michelangelo Buonarroti.

Contam que, quando Michelangelo acabou Moisés, ele bateu o cinzel e disse 'Parla!' de tão real que a escultura ficou.



Moisés, Michelangelo Buonarroti.

Eu, como artista, divido com vocês que houve alguns concertos em que só percebi que o programa havia se encerrado porque ouvi os aplausos. A gente entra em um estado de catarse, um estado de sublimação, onde sentimos uma paz imensa. É impressionante. Acontece poucas vezes, mas acontece.

Essa artista canadense também compartilhou o seguinte comigo: 'O relato da criação conta que o criador criou o mundo em sete dias, olhou para tudo e viu que tudo era muito bom. Nós, os artistas, fazemos exatamente o contrário. A gente termina de tocar, olhamos para nós mesmos e dizemos - olha como eu sou bom para caramba!'

Foi isso que aconteceu no humanismo. Houve uma mudança de paradigma. O homem começou a se transformar em pilar do conhecimento. O grande lado positivo de tudo isso é que pululavam artistas. Nessa mesma época, por exemplo, começam a surgir os *luthiers*²⁵ como Stradivari e os Guarneri del Gesù. Todos eles começaram a surgir nesse período, uma espécie de período de estouro de conhecimento, um efeito champagne, onde a humanidade, de fato, mudou.

Devemos muito ao humanismo. A expansão cultural que houve nesse período é indiscutível. Infelizmente, com esse foco um pouco desvirtuado de a pessoa querer olhar para si mais do que para a realidade externa, essa sim, enriquecedora (toca o piano²⁶²⁷).

²⁵ Profissional especializado na construção e no reparo de instrumentos de cordas.

²⁶ Piano Sonata Nº 14, Op. 27 n. 2 "Ao Luar" (2º Movimento) - Ludwig van Beethoven.

²⁷ Tempo para escutar: 01:0456 -